

A VEGETAÇÃO DA ILHA DOS AMORES:
FICÇÃO E REALIDADE

A memória de JULES DAVEAU, jardineiro da Escola Politécnica, que com o seu amigo CONDE DE FICALHO, lente de Botânica e Agricultura na mesma escola, criou o mais belo *arboretum* de Lisboa (de 1876 a 1892).

A presente nota é como um «excurso» ao estudo «Camões e a Geografia», com que abriu o número de *Finisterra*, 30, 1980. Não parece descabido, a partir de minuciosa análise florística, tentar mostrar que, se a vegetação é real, é imaginária a sua descrição. Todas portuguesas, as árvores e os frutos aparecem misturados, dá-se relevo ao sabor destes e à beleza das flores, compondo-se uma *paisagem ideal* e portanto impossível de situar em qualquer região do País ou transpor para qualquer lugar do Globo.

Depois de uma formosa e nada convencional descrição de uma ilha, todavia impossível de localizar (costa, «três formosos outeiros... que de graminio esmalte se adornavam... claras fontes... límpidos arroios... arvoredos gentis»), o épico esboçou a largos e breves traços o quadro de uma «fermosa ilha e deleitosa» (IX, 54 e 55), cuja vegetação irá contudo ocupar as estrofes IX, 56 a 62, isto é, nove vezes mais do que os animais, apenas referidos em IX, 63.

A minuciosa análise do CONDE DE FICALHO, *A Flora dos Lusíadas*, Lisboa, 1880, permitiu identificar como pertencentes à vegetação portuguesa as 22 espécies citadas. Isto exclui a ideia de se tratar de uma ilha tropical no caminho do regresso da viagem do Gama, mas uma antevisão dos encantos vegetais da Pátria distante. A falta de referência à cana-de-açúcar, então largamente cultivada nos arquipélagos da Madeira e dos Açores, exclui também estas ilhas, onde tantas vezes os navios da carreira da Índia faziam escala no regresso. E, no entanto, a cana-de-açúcar foi introduzida no Campo de Coimbra e nas hortas algarvias: tão «natural» no mundo do regadio que GIL VICENTE, ao falar das charnecas de Coruche, em parte votadas ao abandono, diz

«Oh que terras para pão
e canas açucaradas»,

referindo-se aos planaltos fáceis de arrotear e às culturas regadas da várzea da ribeira; parece que CAMÕES deliberadamente ignorou uma cultura que os povos ibéricos largamente haviam de difundir no mundo tropical, para se manter dentro da flora tradicional.

A Ilha dos Amores é um «bosco deleitoso», como convinha a um lugar idílico onde as árvores incitam ao amor, proporcionando às lascivas

ninfas o prazer requintado de se fazerem descobrir e de esconderem as ternas oferendas dos prazeres que sabiam — e com que arte! — proporcionar.

«Mil árvores estão ao céu subindo» (IX, 56):

raras vezes se encontrariam em Portugal tão densos bosques, a não ser em coutadas de caça, que reis e senhores reservavam para os seus passatempos campestres favoritos; precisamente porque nelas se acoitavam veados, javalis, lobos, ursos (de que se perde o rasto no fim da Idade Média), os agricultores do povo viam sempre nelas má vizinhança, donde saíam animais que pisavam as culturas (javalis em fojos na encosta norte da Arrábida, descoutada a pedido dos povos nos meados do século XVIII) e lobos que dizimavam os rebanhos; estes animais não se extinguíram e, nalguns perímetros florestais, multiplicaram-se ou reapareceram.

Os pomares de citrinos eram árvores de regadio, alinhadas e densas mas pouco frondosas. Antecipando-se a GOETHE (*Lied* da Mignon), CAMÕES dá o maior relevo ao limoeiro e à laranjeira na definição da paisagem mediterrânea:

«Mil árvores estão ao céu subindo,
Com pomos odoríferos e belos;
A laranjeira tem no fruto lindo
A cor que tinha Dafne ⁽¹⁾ nos cabelos.
Encosta-se no chão, que está caindo,
A cidreira cos pesos amarelos;
Os formosos limões ali cheirando,
Estão virgínias tetas imitando».

IX, 56

Passando por Portugal, VAN EYCK impressionou-se tanto com a beleza pictórica das laranjeiras que as fez figurar no célebre retábulo da «Adoração do Cordeiro Místico», que se admira em Gand (1432). Na época tratava-se de laranjas azedas, introduzidas, com outros agrumes, pelos árabes. É estranho que CAMÕES, que conheceu em Macau a laranja doce, donde foi trazida para cá e espalhada em todo o Mediterrâneo e grande parte do mundo tropical, como atesta o nome derivado de Portugal, que se lhe dá em muitas línguas, alude apenas à beleza dos

(¹) A loura deusa grega, filha do deus fluvial Peneo, foi metamorfoseada em loureiro; além do trocadiño louro, loureiro, expresso na estrofe seguinte, «os deuses de olhos claros» tinham também claros os cabelos.

frutos e não ao seu apreciado sabor. Seria ainda escassa entre nós a sua difusão?

«As árvores agrestes, que os outeiros
Têm com frondente coma enobrecidos,
Álemos são de Alcides, e os loureiros
Do louro Deus amados e queridos;
Mirtos de Citereia, cos pinheiros
De Cibele, por outro amor vencidos;
Está apontado o agudo cipariso
Pera onde é posto o étéreo Paraíso».

IX, 57

Os álemos ou álamos (álamo branco, *Populus alba* L.) eram consagrados a Hércules (Alcides), os loureiros a Apolo, «o louro deus», a murta a Vénus (Citereia), os pinheiros a Cibele, que se enamorou de Átis, a que alude o verso 6.º; o agudo cipariso (cipreste), a cuja formosura se refere PLATÃO, contrapondo o céu ao «Paraíso terrestre de Adão e Eva» (2).

Álamos são árvores do Norte Atlântico, que poucas vezes se misturam aos loureiros, com que se coroam os heróis pelo menos desde a Grécia antiga, com mirtos e ciprestes («o agudo cipariso») a cuja significação religiosa (adros de igrejas, cemitérios) claramente alude «Pera onde é posto o étéreo Paraíso».

«Os dões que dá Pomona (3) ali Natura
Produze, diferentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ela se dão muito milhores:
As cerejas, purpúreas na pintura,
As amoras, que o nome têm de amores,
O pomo que da pátria Pérsia veio,
Milhor tornado no terreno alheio»;

IX, 58

O pomo que da «pátria Pérsia» veio — *pêssego* (= pérsico) — guarda no nome, como as espécies próximas, *alperce* (também da Pérsia) e *damasco*, a indicação da origem do Próximo Oriente e a provável difusão pelos muçulmanos na Península.

(2) Segundo a insuperável edição comentada de *Os Lusíadas* por EPIPHANIO DIAS, 2.ª ed., Porto, 1916.

(3) Ninfa dos jardins e das árvores de fruto.

«Abre a romã, mostrando a rubicunda
Cor, com que tu, rubi, teu preço perdes;
Entre os braços do ulmeiro está a jocunda
Vide, cuns cachos roxos e outros verdes;
E vós, se na vossa árvore fecunda,
Peras piramidais, viver quiserdes,
Entregai-vos ao dano que cos bicos
Em vós fazem os pássaros inicos».

IX, 59

É clara a alusão à «vinha de enforcado» ou «vinha de embarrado», trepadeira, limitada hoje ao Noroeste e aos vales abrigados da Cordilheira Central e do seu sopé meridional, mas vulgar ainda nos pomares de Colares no fim da Idade Média (HERCULANO, *O Monge de Cister*).

«Pois a tapeçaria bela e fina
Com que se cobre o rústico terreno,
Faz ser a de Aqueménia menos dina,
Mas o sombrio vale mais ameno.
Ali a cabeça a flor Cifisia inclina
Sôbolo tanque lúcido e sereno;
Florece o filho e neto de Ciniras,
Por quem tu, Deusa Páfia, inda suspiras».

IX, 60

«Pera julgar, difícil cousa fora,
No céu vendo e na terra as mesmas cores,
Se dava às flores cor a bela Aurora,
Ou se lha dão a ela as belas flores.
Pintando estava ali Zéfiro e Flora
As violas da cor dos amadores,
O lírio roxo, a fresca rosa bela,
Qual reluze nas faces da donzela»;

IX, 61

«Zéfiro era na mitologia grega o mensageiro da Primavera e esposo da deusa Clóris identificada pelos romanos com Flores» (nota de EPIPHANIO a IX, 40). As violas (violetas), o lírio roxo (também há lírios brancos), as rosas da cor mais vulgar, assimiladas às faces da donzela, são flores da predilecção dos poetas. A ousadia doutra imagem tornou-a um enigma que só o médico AFRANIO PEIXOTO explicou, transpondo CAMÕES para uma flor eminentemente poética as graças mais íntimas da deusa do amor — discreta alusão que o censor eclesiástico, nada versado em anatomia sexual feminina, não podia entender e por isso deixou passar.

A estrofe 60 necessita também de extenso comentário para ser entendida pelo leitor comum: Aqueménia é um importante distrito da Pérsia, que se toma também pela Pérsia em geral; a flor Cifisia é o narciso, o seu nome provém de um rio da Fócida e Beócia, o deus fluvial assim chamado houve de uma ninfa Narciso, logo metamorfoseado na aludida flor; quando o belo Adónis, filho de Ciniras e de sua irmã Mirra, foi morto, Vénus (a Deusa Páfia, que o amava muito) logo fez brotar do sangue dele flores — anémons segundo uns, rosas segundo outros; visto que na estrofe seguinte se alude à «fresca rosa bela» é natural que se trate das primeiras. Páfia alude a Vénus (Afrodite), que foi celebrada em Citera.

Se a omissão da laranjeira doce pode explicar-se pela introdução tardia em Portugal, as duas outras são estranhas: a cana-de-açúcar, introduzida pelos Mouros, incentivada na cultura e preparo pelo Infante D. Henrique, que mandou vir para o Algarve «mestres de engenho» italianos, que provavelmente dirigiram primeiro o preparo do açúcar em larga escala na Ilha da Madeira, e a associação do milho/feijão/abóbora, difundida através da Espanha: daí o nome de milho graúdo ou de maçaroca e não maiz, atestado contudo em *milho maez* (contraposto aos cereais miúdos — *milho alvo*, *milho marroco*, no sentido «exótico» ou *milho zaburro*, *sorgo* — nome de origem desconhecida e que não se divulgou); a aproximação de ROQUE BÁRCIA, *ceburro*, de *cebo* ou *cevo*, alimento de gente de baixa condição (infimo povo e até escravos), a despeito de aceite por um grande especialista dos Descobrimntos, carece de fundamento. Temos ainda *palha maíça*, com larga representação na espiga torsa, às vezes direita, da arte manuelina, antes que qualquer texto lhe faça referência: uma das mais antigas, se não a mais antiga representação de ambos os tipos de espigas está na pia baptismal da Misericórdia das Caldas da Rainha, fundação, com Hospital termal anexo, da Rainha D. Leonor, mulher de D. João II, acabada em 1503, anterior ao desenvolvimento do estilo manuelino onde terá a mais larga representação (igreja de Marvila de Santarém, reconstruída por D. Manuel), claustro dos Jerónimos, terminado em 1517. A figuração ornamental precede assim uma dezena de anos os primeiros textos que se referem à nova cultura. Em San Juan de los Reyes de Toledo, primeiro panteão dos Reis Católicos antes de decidirem tumular-se na catedral de Granada, os remates ornamentais utilizam a romã (em castelhano *granada*) por alusão à conquista da última prestigiosa capital muçulmana em 1482; o simbolismo falante é perfeitamente fácil de explicar. Mas o que representaria a espiga de milho: uma planta nova e revolucionária muito precocemente introduzida e divulgada em Portugal, à qual só aparecerão referências abundantes em textos, confundindo, às vezes, o milho de maçaroca ou espiga americano com o *milho zaburro* ou sorgo, de grandes infrutescências e grãos maiores do que o milho alvo e o painço, pertencendo ao velho fundo de plantas agrárias mediterrâneas e situando-se, na abundância dos grãos entre os pobres *Panicum miliaceum* L. (milho alvo, milho miúdo, milhinho, *Setaria italica* Beam, painço, milho painço)? Ou uma planta notável pelo seu exotismo, pela grande altura do caule, pela «maçaroca» ou espiga de

enormes grãos e que lembra a «maçaroca» do fuso de fiar? Assunto muito controvertido que procurarei deslindar na reedição, muito acrescentada, do meu artigo citado na nota 5 (4). CUNHA COUTINHO, apoiado em textos convergentes, situa a introdução da nova cultura revolucionária entre 1515-1525 (5).

Trazida de Cádiz ao Campo de Coimbra, donde largamente se difundiu nos lameiros (prados regados do Noroeste), é impossível que CAMÕES a desconhecesse, pois as notícias da sua importância na América são referidas por vários cronistas e roteiristas espanhóis e portugueses.

Esta omissão reforça a ideia do CONDE DE FICALHO de que CAMÕES quis pintar aqui, com escasso realismo, um quadro idílico perfeitamente clássico, apenas com as plantas mais comuns e prestigiosas.

Também entre as árvores faltam os gigantes das paisagens do Norte — carvalhos e castanheiros — e, nas cultivadas, se não menciona a oliveira: *olea prima inter arbores es!* — de cujo fruto se tiram tão variadas utilizações, que os próprios deuses gregos a tomavam à sua especial protecção. Nenhuma referência igualmente a sobreiros e azinheiras, nem sequer como associadas à cultura de cereais em todo o Sul (montado).

«A cândida cecém, das matutinas
Lágrimas rociada, e a manjarona;
Vêem-se as letras nas flores Hiacintinas,
Tão queridas do filho de Latona.
Bem se enxerga nos pomos e boninas
Que competia Clóris com Pomona.
Pois, se as aves no ar cantando voam,
Alegres animais o chão povoam.»

IX, 62

Vale a pena transcrever na íntegra o erudito comentário de EPIPHANIO, quer quanto à conclusão da estância 61, quer quanto à estância seguinte:

(4) Ver especialmente os trabalhos magistrais do botânico C. N. TAVARES e, posteriormente, do historiador ANTÓNIO DE OLIVEIRA, «Para a história do significado botânico de milho zaburro» (sep. do *Arquivo Coimbrão*, vol. 27, 1967), onde se não esquiva nenhuma perplexidade e confusão entre o sorgo africano e o milho americano.

(5) V. ORLANDO RIBEIRO, *Dicionário da História de Portugal*, dirigido por JOEL SERRÃO, Lisboa, 1971, vol. 3, s. v., que procura dar ideia das obscuridades e controvérsia do problema. Apenas acrescento que em galego se diz *millo* (mais usado do que *mainzo*) e *canastro* (de entrançado de varas), mesmo quando de pedra, e não *hórreo*; fica aclarada a introdução através da fronteira do Minho.

«Cam., que descreve a ilha imaginária com a mente cheia de reminiscências clássicas, menciona «as violas da côr dos amadores» lembrando-se do *tinctus viola pallor amantium* do Venusino, seguramente sem cuidar em que flor o poeta latino teria no pensamento, e até emprega um termo que pertence exclusivamente à língua literária. Entretanto não é fora de propósito inquirir qual seja a significação de *viola* no lugar de Horácio. Entre os Romanos *viola* designa já a violeta, a *Viola odorata* L. (em Plínio *viola purpurea*), já o goivo branco, a *Matthiola incana* L. (em Plínio *viola alba*), já o goivo amarelo, o *Cheiranthus cheiri* L. (em Plínio *viola lutea*; v. Pl. N. H. XXI § 27 e a tradução de Littré). Referindo-se portanto Horácio, não à violeta, não ao goivo, resta averiguar, se fala do goivo branco ou do amarelo. Nos poetas latinos *pallere* diz-se frequentemente do que tem cor amarelada (em alemão *gelblich* ou *gelbgrün*, v. Heinichen, *Lat.-deut. Wörterb.* em *pallens* e *pallere*); assim Ovídio falando do tremoço diz *pallentes lupinos* (*De med. fac.* 69). Há-de pois entender-se que o poeta romano se refere às *violae luteae* de Plínio, que são também as *pallentes violas* de Vergílio nas *Buc.* 11 47. O Conde de Ficalho pensou erradamente que devem ser as *violae albae* de Plínio».

«62 r. cecêm] = açucena (branca), o *Litium candidum* L.

3-4] Cf.: E tu, dourado Apolo, que suspiras | Por o crespo Jacinto, moço caro, | Por quem a clara luz ao mundo tiras (Cam., eleg. «Que tristes novas...»). Apolo, estando a jogar o disco — a barra dos antigos — com o espartano Hyacintho, a quem muito queria, matou-o involuntariamente. Do sangue do mancebo fez Apolo brotar uma flor em cujos veios os antigos imaginavam ver a letra Y, inicial do nome «Hyacintho» em grego, ou as letras *ai* interpretadas já como interjeição quando referidas a Hyacintho, já como iniciais do nome «Ajax», de cujo sangue também brotou a mesma flor (v. *Ov. Met.* x 162-219 e XIII 394-398; em Plínio: *Hyacinthum comitatur fabula duplex luctum praeferens, ejus quem Apollo dilexerat aut ex Aiakis cruore edili, ita discurrentibus venis ut Graecarum litterarum figura AI legatur inscriptum*; XXI § 66). Mas a flor a que os antigos se referem, não é a que entre nós é conhecida com o nome de «jacinto», mas sim o *Gladiolus segetum* (v. a tradução de Littré da *N. H.* de Plínio, XXI § 65). Ven-se] *V. R. Ph* em «-an, -en».

5-8. Os versos 5 e 6 apresentam uma reflexão final sobre o que vai dito nas est. 58 e 59 comparado com o que se diz nas est. 60 e 61 e na primeira metade da 62, com que termina a parte botânica da descrição da ilha. Os versos 7 e 8 introduzem uma nova parte, a que se refere à fauna, e se contém na est. 63. «Pois» é, segundo bem notou FS, partícula de transição — como em IX 60, 1 —. Deve conseguintemente pôr-se ponto final no cabo do 6.º verso. *Chloris*] *V. IX* 40, 8.

Com o penúltimo verso cf.: Pois as aves que no ar cantando voão (Cam., ecl. «A quem darei...»).

Os animais também apenas aparecem no final da descrição da terra (IX, 63): a filomela (andorinha), o veado, «a fugaz lebre»... a tímida gazela. Embora ninguém se sustente de puro amor, e os mareantes estivessem tão ávidos de mulheres como das boas comidas da sua terra, CAMÕES, que tanta vez teve de apertar o cinto, considera grosseiro misturar as iguarias afrodisíacas e os prazeres da mesa, apenas vagamente aludidos no banquete que Tétis oferece ao Gama.

«Ao longo da água o níveo cisne canta» (IX, 63), animal de convenção porque é mudo, embora seja antiga a lenda que lhe atribui o canto quando vai morrer.

Para terminar, note-se a espantosa intercultura do tempo: o CONDE DE FICALHO, fino e fundo conhecedor da mitologia greco-romana, através dos autores clássicos que então constituíam a leitura de todas as pessoas de elevada instrução, e EPIPHANIO perfeitamente a par dos trabalhos de naturalistas, empregando sempre com toda a correcção a sua rigorosa terminologia e taxonomia, numa época de notável florescência da História Natural.

Ao invés da cuidadosa enumeração de toda a especiaria, CAMÕES imaginou uma espécie de jardim edénico, uma mata aprazível destinada ao fim de compensar os rudes e corajosos marinheiros da dura castidade das grandes travessias marítimas.

HUMBOLDT não deixa de ter razão em o considerar mais sensível aos fenómenos oceânicos e ao cariz do céu do que ao pujante vigor das florestas tropicais. Uma razão mais estará em que se o sistema do mundo se encontra ideado em PTOLOMEU, e se o *Tratado de esfera*, com a variação da agulha (noroeste e nordeste) já havia sido referido por PEDRO NUNES e D. JOÃO DE CASTRO, faltava para o mundo vivo o vigoroso ordenamento que só LINEU lhe veio a dar no século XVIII. CAMÕES sabia, e a fundo, o saber da época, antecipando-se, com outros grandes espíritos do seu tempo, aos progressos do conhecimento do Cosmos para que os seus heróis tão decididamente contribuíram.